

ENTREVISTA

Leonardo Boff

“Ou mudamos nossa atitude frente à nossa casa, que é a Terra, ou todos nós morreremos”

O defensor da Teologia da Libertação nos anos 70 e 80 agora abraça uma nova causa: a conscientização ambiental

▲ MARCELO PEREIRA
marcelo.pereira@redgazeta.com.br

O teólogo e professor universitário que, nos anos 80, foi combatido pelo cardeal alemão Joseph Ratzinger (atual papa Bento XVI), por lançar as bases na América Latina da Teologia da Libertação. Agora, ele volta-se, para uma causa que interessa a todos, crentes e não-crentes. Leonardo Boff, 72 anos, respeitado por sua história de defesa pelas causas sociais, participa ativamente de debates em torno de questões ambientais. “A Terra é a nossa casa e ela tem dado sinais do quanto nós a maltratamos. Ou mudamos nossa atitude frente à nossa casa ou todos nós morreremos”, exalta.

O senhor nota que as discussões relativas ao meio ambiente não estão mais restritas a ambientalistas?

De forma alguma. É algo que interessa a todos nós. E falo isso tanto para os que creem quanto para os que não creem. Pois é, em última instância, a nossa sobrevivência em nossa casa. A atividade econômica e a mentalidade capitalista e neoliberal advinda dela já provou que

não é capaz de promover a felicidade tão propagada nas teorias do livre mercado. Vivemos uma crise econômica sem precedentes vinda desse pensamento, do consumo desenfreado. Esse consumismo também se reflete no uso indiscriminado e inconsciente dos recursos naturais. Ou mudamos ou morremos. Temos que mudar.

Aquele versículo do Gênesis de que Deus dá poder para que o homem reine sobre a Terra pode ter sido mal interpretado?

Sim. A forma como essa frase foi compreendida literalmente justificou uma postura frente aos recursos naturais que se revelou desastrosa. Deus não pede que o homem submeta a Terra, como se ele fosse um grande tirano. O sentido aí é de que o homem e a mulher sejam capazes de cuidar, administrar, gerenciar bem as obras da criação. Mas o contrário aconteceu. O homem se acha acima da Natureza. Esquece que faz parte dela. Daí vêm o aquecimento global, o desaparecimento de 15 mil espécies de plantas e animais anualmente, as pan-

demias frequentes, os transtornos com secas, enchentes e tsunamis.

Qual é a saída?

Não há outra senão a mudança. E considero que esse pensamento neoliberal que produziu a crise (tanto ambiental quanto econômica) não será capaz de produzir a solução. Aqui se impõe uma mudança rápida nas formas de produção e de consumo, poupando os recursos escassos e repartindo-os com um mínimo de equidade entre os seres humanos e os demais seres da comunidade de vida. Temos pouco tempo e nos falta sabedoria.

Não é só a economia e o ecossistema que vivenciam uma crise. Como teólogo, acha que as religiões não estão bem?

As religiões entraram na ótica do mercado. Querem vender o máximo por meio de uma espiritualidade alienante. Na nossa cultura ocidental e cristã, vemos essa profusão de pregadores, especialistas em marketing e gestão de imagem, arrebanhando multidões, in-

O homem se acha acima da Natureza. Esquece que faz parte dela. Daí vêm os desastres naturais

VIDA E OBRA

Primeiros passos

▼ Vocação

Leonardo Boff nasceu em 1938 em Concórdia, Santa Catarina (SC). Ingressou na Ordem dos Frades Menores (os franciscanos) em 1959 e foi ordenado



sacerdote em 1964. Em 1970, doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade de Munique, Alemanha. Por lá, conheceu o teólogo Ratzinger (futuro Bento XVI) de quem se tornou amigo.

▼ Voz na Igreja Nova teologia

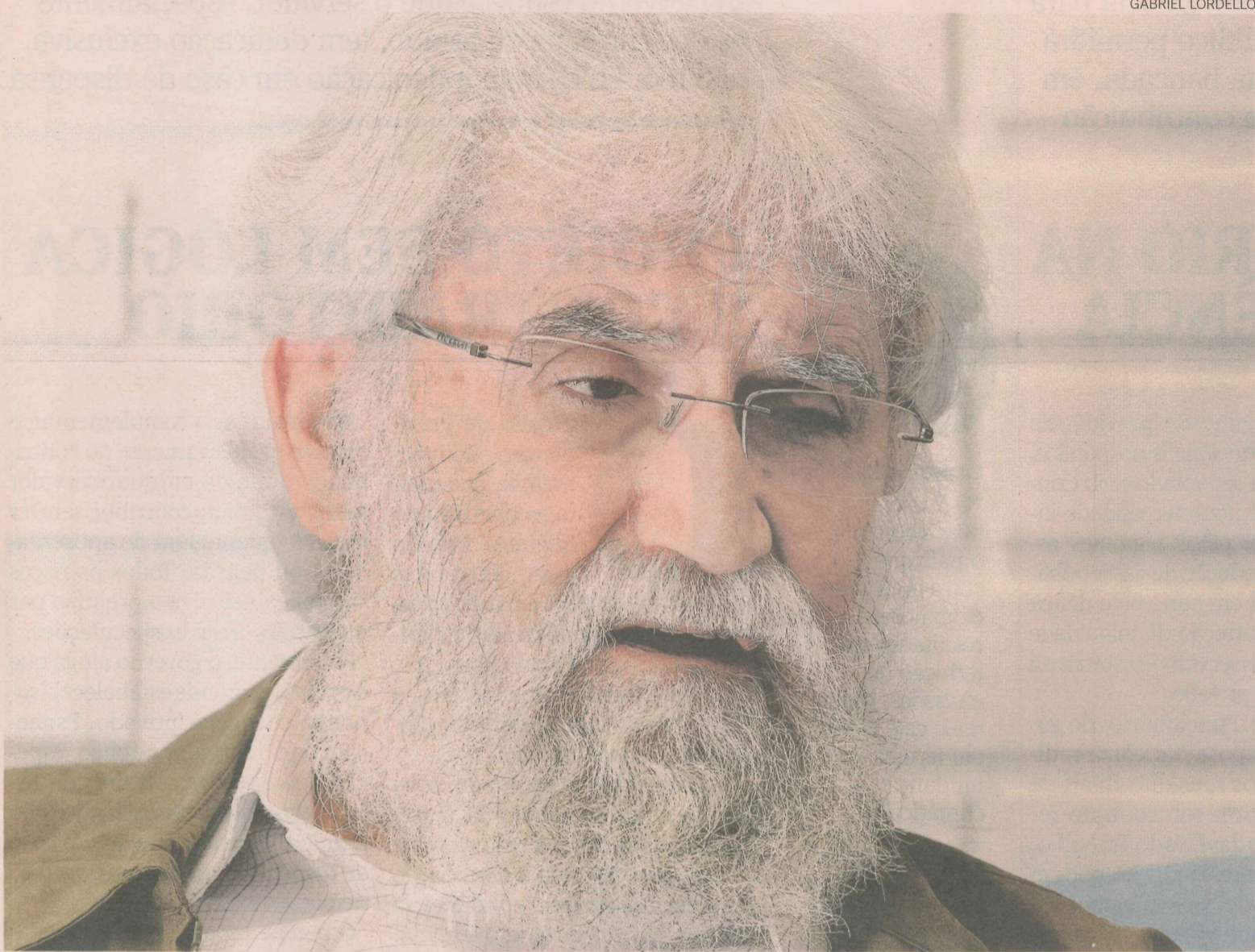
Ao retornar ao Brasil, ajudou a consolidar a Teologia da Libertação no país. Essa teologia foi desenvolvida no Terceiro Mundo e nas periferias

do Primeiro Mundo nos anos 70 do século passado. Diz que a pobreza e a miséria são pecados sociais que devem ser combatidos pelos cristãos por meio de engajamento político e da mudança do

sistema econômico. Esse sistema de ideias gerou desconfiança no Vaticano por se aproximar de conceitos marxistas.

▼ Roma se manifesta Livro-bomba

GABRIEL LORDÉLLO



“Não sabemos para onde vamos. Porém isso não nos torna menos responsáveis por aquilo que fazemos, seja bom ou ruim”

“As religiões entraram na ótica do mercado. Querem vender o máximo por meio de uma espiritualidade alienante”

serindo uma imagem de Deus voltada aos propósitos unicamente individuais e materiais, bem diferente e distante daquele Deus anunciado por Jesus de Nazaré há mais de dois mil anos. O Deus de Jesus quer que todos sejam irmãos, que se amem, que se respeitem em suas diferenças.

Essa chamada Teologia da Prosperidade (que atrai muitos ao enfatizar uma solução divina e instantânea para problemas materiais, deixando o lado espiritual em segundo plano) não seria uma consequência do esgotamento dos sistemas religiosos tradicionais?

Sim, as instituições religiosas tradicionais estão em crise em propagar a mensagem do Evangelho. Na atualidade, a Igreja Católica colocou a luta pela justiça dos pobres, do povo simples, em segundo plano. Com Bento XVI, ela se fechou. Ao fazer isso, perdeu a capacidade de escutar os pobres. Eles, então, viravam alvos fáceis desses pregadores.

Como o senhor avalia o trabalho do

“Pílulas” eficazes de Cristianismo

Leonardo Boff retorna à temática teológica com seu mais novo livro, “Cristianismo - O Mínimo do Mínimo” (Editora Vozes, 200 páginas, R\$ 23). Na obra, ele faz um comentário conciso sobre a religião mais professada do planeta. Ele imaginou o que um fiel cristão falaria de sua fé aos que não conhecem absolutamente nada sobre ela ou, então, sentem curiosidade e fascínio mas se perdem em meio a tantas tradições e grupos religiosos tendo Jesus Cristo como bandeira.



papa Bento XVI? Eu fui amigo do teólogo Joseph Ratzinger. Era um teólogo de ideias inovadoras. Ouvi muitas palestras dele quando estudava em Munique. Nelas, fazia críticas ao centralismo romano e à rigidez doutrinária da teologia oficial. Elogiou muito a minha tese “A Igreja como Sacramento na Experiência do Mundo”, de 600 páginas. Foi atrás de apoio para publicá-la. Foi ordenado arcebispo de Munique em 1977. Apenas quatro meses depois, ele foi nomeado cardeal. De teólogo foi cardeal em pouquíssimo tempo.

Isso pode ter contribuído para a imagem rigorosa do papa atual? Pode ser. Como bispo teria mais possibilidade de lidar com gente, com situações concretas. Um cardeal tem o aparato romano e a burocracia em torno de si. Este papa europeu tem uma preocupação evidente: a Europa. Ele acredita que a tradição e a ortodoxia vão trazer de volta os fiéis do Velho Continente que deixaram a Igreja. Por isso, ele se fecha. Mas isso é ruim. A Igreja é mais do que aquela que está na Europa. O jeito de se viver a fé é diferente lá e

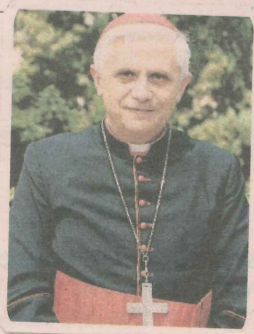
aqui. Isso acaba afastando mais gente. Hoje, temos 18 mil padres, sendo que 8 mil são estrangeiros. Para atender a maior nação católica do mundo, o número ideal seria de 120 mil.

O senhor é amigo do ex-presidente Lula. Acha que, no poder, ele decepcionou tanto a esquerda quanto a direita?

Lula criou, antes de tudo, perplexidade. Decepcionou a esquerda ao se paudar na macroeconomia e, hoje, percebemos que foi uma opção inteligente. Agora, ele decepcionou, e muito, a direita ao retirar 30 milhões de pessoas da pobreza. É quase uma Argentina inteira! Isso decepciona a direita porque, no fundo, ela tem uma visão escravocrata, quer o povo subjugado.

Já dá para avaliar a presidente Dilma?

Ela é metódica, racional e organizada. Ao colocar o combate a miséria como primeira meta de governo já deu indicativo que será uma grande presidente.



Em 1982, Boff lançou “Igreja: Carisma e Poder”. Nele, questionava a respeito da hierarquia da Igreja. Argumentava que os fiéis leigos, por serem a maioria da cristandade, deveriam ter voz na escolha de seus

representantes espirituais. A obra lhe rendeu um processo junto à Congregação para a Doutrina da Fé, então sob a direção de Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI (à direita).

Imposições

▼ **Silêncio** Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso”. Com isso, não poderia lecionar em nenhuma universidade ou escola

católica e nem publicar. Em 1986, recuperou algumas funções, mas sempre sob severa vigilância.

▼ **Desligamento** Em 1992, pediu dispensa

do sacerdócio. Continua na Igreja como fiel. Vive em Petrópolis (RJ). Uniu-se à militante ecológica Márcia Maria Monteiro de Miranda. Tem seis filhos e cinco netos.